UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Jornal da UFU

www.ufu.br | setembro 2016 | número 170

EMPREENDEDORISMO

Saiba o que a UFU tem feito para incentivar a inovação tecnológica

Gênero

A inclusão feminina na área da computação

Superação

Estudante relata experiência com a meningite

Tendência

Pós-graduação é cursada cada vez mais cedo

EDITORIAL

Quais as alternativas para um futuro realmente democrático?

Estamos vivendo em pleno século XXI em um estado de exceção permanente, cuja relação entre anomia e direitos, permite pensar o direito como norma que justifica a violência e a economia, como o campo de normatização da vida. Da perspectiva de Giorgio Agamben, filósofo contemporâneo, essa situação cria a figura do "homo sacer" aquele sujeito que está às margens das decisões sobre a sua própria vida, que agora nua, é mera existência. Vida essa indigna que celebra um culto ao capitalismo experimentado como religião.

O conceito radical de democracia, de que a luta pelos direitos sociais motiva crer no papel do cidadão, cede lugar para um novo modelo de gestão - o da governamentabilidade. Esse sistema responde aos interesses do mercado, ao lucro dos bancos, à estabilidade dos negócios, ao sucesso das grandes empresas e indústrias. Essa é uma ordem internacional, uma rede que sustenta a macro dinâmica do capitalismo. A mídia tem um papel fundamental que é o de traduzir a crise justificando cada medida que se apresenta como solução pertinente para essa situação.

No Brasil, fala-se em reformas fiscais, mas delega-se a segundo plano a reforma eleitoral. Nestas eleições os mesmos políticos e suas coligações tornam obscuras a filosofia, a ideologia norteadora dos seus projetos para o país e suas cidades. Estão para ser votadas no Congresso Nacional propostas que arrasam com os diretos trabalhistas, que culpabilizam os aposentados, que destroem os projetos sociais, que aumentam os impostos, que cortam verbas para a saúde e a educação.

Vivemos na Universidade Federal de Uberlândia um processo eleitoral e, por isso, a possibilidade de escolhas para uma nova gestão. Seja ela qual for que vença, estará submissa aos desmandos da política nacional que, sem dúvida, afetará todas atividades e ações que desenvolvemos em nossa instituição. O que nós, comunidade UFU, cujo papel tem que ser propositivo, devemos assumir enquanto postura frente aos desmandos desse Estado de exceção? Como partilhar com a sociedade a possibilidade de alternativas para um futuro realmente democrático?

Maria Clara Tomaz Machado
Diretora de Comunicação Social

EXPEDIENTE

ISSN 2317-7683

O Jornal da UFU é uma publicação mensal da Diretoria de Comunicação Social (Dirco) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1S, Santa Mônica, 38.400-902, Uberlândia-MG.
Telefone: 55 (34) 3239-4350.
www.comunica.ufu.br | jornaldaufu@ufu.br

Diretora de Comunicação Social
Maria Clara Tomaz Machado

Coordenadora de Jornalismo
Eliane Moreira

Coordenador de Conteúdo
Cairo Mohamad Ibrahim Katrib

Equipe de Jornalismo
Cristiano Alvarenga, Diélen Borges, Eliane Moreira, Hermom Dourado, José Amaral Neto, Jussara Coelho, Marco Cavalcanti e Renata Neiva

Estagiários
Amanda Cristina, Giovana Oliveira, Hiago Nascimento, Letícia Brito, Marcela Pissolato, Pedro Vitor Alves.

Editora
Marco Cavalcanti (MTB 21.643/RJ)

Diagramação
Carlos Gabriel Ferreira

Revisão
Diélen Borges e Maria Clara Tomaz Machado

Fotografia
Marco Cavalcanti e Milton Santos

Foto da capa (Reunião no Ciaem)
Marco Cavalcanti

Impressão
Imprensa Universitária - Gráfica UFU

Tiragem
3500 exemplares

Docente colaborador
Eduardo Macedo

Reitor: **Elmiro Santos Resende |** Vice-reitor: **Eduardo Nunes Guimarães |** Chefe de gabinete: **José Antônio Galo |** Pró-reitor de Assistência Estudantil: **Leonardo Barbosa e Silva |** Pró-reitora de Graduação: **Marisa Lomônaco de Paula Naves |** Pró-reitora de Extensão e Cultura: **Dalva Maria de Oliveira Silva |** Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação: **Marcelo Emílio Beletti |** Pró-reitor de Planejamento e Administração: **José Francisco Ribeiro |** Pró-reitora de Gestão de Pessoas: **Marlene Marins de Camargos Borges |** Prefeito Universitário: **Reges Eduardo Franco Teodoro**

OPINIÃO

FOTO MARCO CAVALCANTI

Os porquês de uma Pró-reitoria de Assistência Estudantil

Leonardo Barbosa e Silva
Pró-reitor de Assistência Estudantil

A assistência estudantil tem por missão impedir ou mitigar os efeitos das vulnerabilidades na permanência de discentes, no rendimento acadêmico e, principalmente, no gozo do direito à educação. Em outras palavras, estudantes atingidos por problemas econômicos, familiares, sociais, afetivos, fisiológicos etc. podem encontrar inúmeras barreiras para permanecer (na escola ou na universidade), alcançar aproveitamento acadêmico desejável e ter acesso às oportunidades que o direito à educação lhes confere.

Desta forma, se as desigualdades sociais impedem alguns discentes de acessarem a mobilidade internacional, ou de apresentarem um trabalho em evento, ou mesmo de frequentarem aulas cujo material exigido não lhes estejam disponíveis em razão dos custos, a assistência estudantil deverá atuar para garantir condições iguais, independentemente do nível de renda, para o gozo das mesmas oportunidades.

Assim, fica claro que não se trata de assistencialismo, caridade, ajuda, auxílio ou favor, trata-se de direito. Se formos capazes, como instituição, de garantir igualdade de oportunidades, poderemos dizer que conseguimos democratizar a educação. Portanto, a política de assistência estudantil compromete-se com a equidade, a proteção e a justiça sociais no âmbito educacional.

Se observarmos o contexto em que nos encontramos, veremos as razões que justificam a criação de um órgão com status de pró-reitoria exclusivamente dedicado a esta política. Sabemos hoje que o sistema federal de ensino dobrou de tamanho graças ao processo de expansão e interiorização, mas também alterou profundamente o perfil de seu público. São no Brasil mais de 66% de discentes com renda per capita familiar de até 1,5 salário mínimo. São mais negros e mais populares. Sabemos também que o acesso a várias oportunidades educacionais (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Extensão, Programa de Educação Tutorial, Mobilidades etc.) é menor aos que trazem os marcadores sociais de renda, de cor da pele e de gênero. O mesmo se aplica aqueles e aquelas que carregam marcas de violências ou portam sofrimentos emocionais.

Portanto, para responder ao desafio da equidade a UFU carecia de uma estrutura institucional capaz de implementar políticas efetivas, democratizar o acesso às suas decisões e participar da orientação global das ações da universidade. Hoje tudo isso é possível. Nossa estrutura organizacional responde bem às áreas em que já atuávamos e avançamos sobre aquelas nas quais ainda havia grandes demandas, tais como a saúde, a promoção de igualdades e combate às discriminações e o apoio educacional. Essa mesma estrutura, por força de resolução, obriga-se semestralmente a dar voz aos estudantes no Fórum de Assuntos Estudantis, compartilhando soluções e horizontalizando as decisões. Por fim, hoje a assistência estudantil tem assento nos Conselhos Diretor e Universitário, contribuindo com seu olhar sobre as principais diretrizes de nossa instituição.

Tudo isso seria muito, mas insuficiente se não fosse capaz de estender as ações para além do ensino superior, atendendo também aos discentes da Escola Técnica de Saúde (Estes) e da Escola de Educação Básica (Eseba). E felizmente a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (Proae) também foi pródiga neste aspecto. Como prova de sua maturidade e sensibilidade, a UFU cria a nova pró-reitoria com a dimensão dos desafios colocados no presente.

PÓS-GRADUAÇÃO

Topo da carreira acadêmica **chega cada vez mais cedo**

Pesquisa em âmbito nacional indica tendência do crescimento da busca por títulos de mestrado e doutorado logo após a obtenção do diploma universitário

Hermom Dourado

De acordo com um levantamento publicado no livro "Mestres e Doutores 2015: Estudos da demografia da base técnico-científica brasileira" – que apresenta dados estatísticos dos programas de pós-graduação brasileiros entre os anos de 1996 e 2014 e está disponível para consulta pela internet (www.cgee.org.br/web/rhcti/mestres-e-doutores-2015) –, tanto as médias de idade dos novos mestres quanto as dos novos doutores têm caído ano a ano no nosso país.

Enquanto em 2002 a média de idade dos mestres recém-diplomados era de 34,51 anos, em 2014 já estava em 32,34 anos. Em relação aos novos doutores, a média etária mais elevada no período pesquisado foi em 1997, com 39,68 anos, e a mais baixa ocorreu exatamente no último ano, o de 2014, quando chegou a 37,47 anos.

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) ainda não realizou nenhum levantamento comparativo em busca de informações oficiais sobre este tema, porém o professor Marcelo Emílio Beletti, atual titular da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, assegura que o fenômeno também pode ser observado no conjunto de mestrandos e doutorandos da instituição. "Uma década atrás raramente iniciava-se um mestrado imediatamente após a graduação, ao passo que hoje a maioria absoluta de nossos futuros mestres não possui experiência profissional ao ingressar no curso. Além disso, tem se tornado muito comum a realização de um doutorado direto, ou seja, sem que se passe primeiro por um mestrado", comenta ele.

Segundo o pró-reitor, há indicativos de uma perspectiva para que daqui a alguns anos a UFU emita um número de diplomas de pós-graduação maior do que de graduação. "Além dos aumentos nas vagas e nas pós-graduações que oferecemos, a evasão está em torno de 4 a 5%, uma taxa imensamente menor do que a dos cursos superiores. Outro fato que colabora para esta tendência é que a duração média dos cursos de pós-graduação é de pouco menos de três anos e na graduação é próxima de cinco anos. Portanto, mesmo caso tenhamos a metade de pós-graduandos em relação aos graduandos, o número de diplomas emitidos seria semelhante", argumenta Beletti.

Novidades

De 2013 a 2016 foram criados na UFU 10 programas de pós-graduação stricto sensu, elevando o número total de 39 para 49. Somados os mestrados e os doutorados oferecidos neste intervalo de tempo, passou-se de 59 para 71 cursos. Praticamente dobrou-se o quantitativo de matrículas: 2.207 no final de 2013 e 4.245 até julho deste ano.

Na opinião de Beletti, esta ampliação do número de cursos e de vagas nas pós-graduações reflete a demanda da sociedade, bem como a alta qualificação do corpo docente da universidade. "Com mais de 80% de doutores, temos massa crítica para oferecermos muitos outros cursos de interesse da comunidade. São 1.320 os docentes atuando nos programas de pós. Nesse sentido, devemos abrir novos cursos somente após confirmar a necessidade regional ou nacional de novos mestres e doutores nas diversas áreas do conhecimento", sublinha.

Neste ano foram três os cursos de pós-graduação que tiveram início na UFU: doutorado em Ciências Contábeis e os mestrados em Artes Cênicas e em Fisioterapia – sendo este último em associação com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Com primeiras turmas no próximo ano, mais dois já estão confirmados: Mestrado em Biotecnologia (no Campus Patos de Minas) e Mestrado Profissional em Saúde Coletiva. Há, ainda, a expectativa pela aprovação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para que também sejam iniciados em 2017 o Mestrado em Produção Vegetal (no Campus Monte Carmelo) e o Mestrado em Engenharia de Alimentos (no Campus Patos de Minas).

Finalizando, o gestor da Propp revela que este boom dos cursos de pós-graduação também colabora para o crescimento – quantitativa e qualitativamente – das pesquisas: "Desta forma, elevamos os financiamentos para infraestrutura e custeio de pesquisa na UFU, o que reflete diretamente na manutenção e qualidade das graduações".

Docentes doutores

Dados levantados pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) no início do mês de agosto do corrente ano – e que serão disponibilizados em um relatório de gestão na página virtual www.progep.ufu.br – atestam que a UFU também segue a tendência nacional no que diz respeito a professores alcançando a titulação de doutorado cada vez mais jovens.

E eles estão em grande maioria no quadro de servidores da instituição. Dos 1.893 docentes atualmente ativos na UFU – somados os que atuam nas carreiras de Magistério Superior (MS) ou no Ensino Básico e Tecnológico (EBTT) –, 1.510 são doutores, o que representa 79,8% do total. Dentre os 20,2% restantes, 17,2% – ou seja, 326 docentes – são mestres. Especialistas (2,7%) e graduados (0,3%) completam a relação.

Outro aspecto averiguado pela equipe da Progep foi o tempo de serviço destes professores na UFU. No grupo dos doutores, o maior percentual – 29,4%, compreendendo 557 profissionais – é o daqueles que ingressaram na universidade de 5 a 9 anos atrás. Na sequência, estão os docentes com menos de 5 anos e os com 10 a 14 anos de UFU– respectivamente, com 391 (20,7%) e 167 (8,8%).

Dentre os 1.261 docentes que forneceram esta informação à Progep, 34,3% tinham de 30 a 34 anos de idade na data da obtenção do título de doutorado. Outros 25% estavam com 35 a 39 anos; e 19,4% tinham de 25 a 29 anos quando se tornaram doutores.

"De fato, também percebemos na UFU esta tendência de queda na idade média de doutoramento. Fazendo um comparativo, a maior parte dos professores admitidos nos nossos quadros nos últimos dez anos contava com aproximadamente 30 a 34 anos ao doutorar-se, enquanto que a maioria dos professores com mais de 25 anos de ingresso apresentaram idade de 35 a 39 anos no momento de obtenção do título de doutor", exemplifica Marlene Marins de Camargo Borges, atual gestora da Progep.

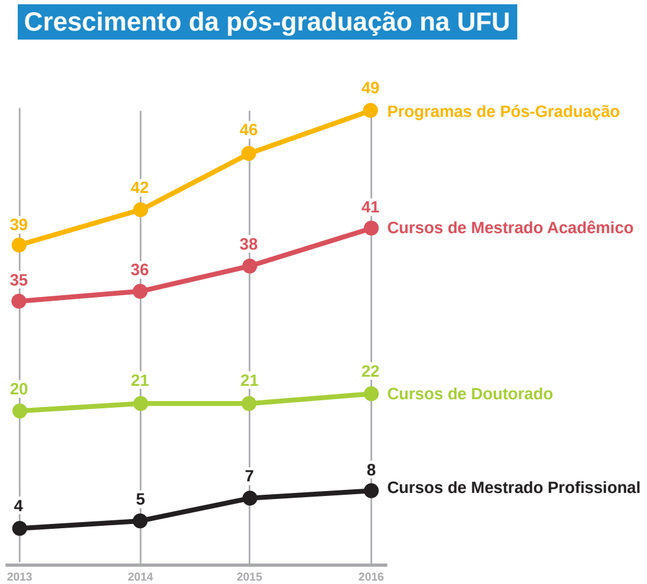
TAEs

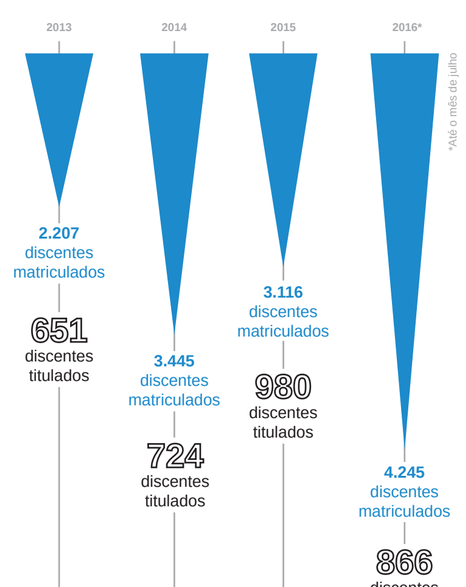
A pró-reitora destaca que a busca pelos mais altos níveis de qualificação acontece não somente no âmbito do quadro docente, mas também no conjunto dos técnicos administrativos em educação (TAE), que atuam nos setores administrativos e acadêmicos da UFU: "Dos 3.142 TAEs ativos em julho de 2016, distribuídos nos diferentes cargos de nível de classificação A a E – estes últimos com exigência de formação em nível superior –, mais de 70% contam com formação igual ou superior à licenciatura, graduação ou bacharelado. Os percentuais são os seguintes: 19% com curso superior concluído; 40% pós-graduados em nível de especialização; 12% de mestres; e aproximadamente 3% já doutores(as)."

Marlene Borges acredita que as políticas de incentivo à qualificação implantadas em nível federal nos últimos 10 anos e iniciativas recentes da UFU – como a oferta de cursos de capacitação que preparam o servidor para aplicar-se a programas de pós-graduação stricto sensu, custeio à qualificação (Programa Quali-UFU) e autorização para afastamento parcial e integral para pós-graduação – estão contribuindo para o aumento do número de TAEs mestres e doutores nos quadros da instituição.

Para fundamentar esta expectativa, a pró-reitora cita dados recentes comparando a distribuição relativa da educação formal entre os TAEs da UFU, saindo de 7,8% de mestres em setembro de 2013 para 12% em julho de 2016 e de 1% a 3% de doutores neste mesmo intervalo de tempo.

A Progep não dispõe de informações referentes às idades de obtenção dos títulos de mestrado e doutorado por parte dos membros deste segmento, porém o banco de dados atesta que cerca de 35% dos TAEs que já são doutores ingressaram na UFU nos últimos 10 anos e estão com 30 a 39 anos de idade. Em relação aos mestres, o percentual de técnicos que estão nesta faixa etária e ainda não completaram a primeira década de vínculo com a instituição é menor, mas mesmo assim representativo: 25,4% – com destaque para os 6,8% que sequer chegaram aos 30 anos de idade.





PIONEIRISMO

Campus Patos de Minas terá **primeiro mestrado**

Curso de Biotecnologia foi aprovado pela Capes; edital da primeira turma deve ser publicado em setembro e aulas iniciam no primeiro semestre de 2017

Cristiano Alvarenga

Patos de Minas e região entram no mapa da pós-graduação stricto-sensu brasileira. O curso de mestrado em Biotecnologia da Universidade Federal de Uberlândia foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A previsão é que a primeira turma inicie as atividades no primeiro semestre de 2017.

Os normativos e o cronograma do processo seletivo devem ser divulgados nos próximos meses. "A expectativa é que em setembro possamos divulgar o edital para a comunidade. A prova deverá acontecer nos meses de novembro e dezembro de 2016", explica Matheus de Souza Gomes, professor e coordenador do Programa de Biotecnologia.

Os preparativos para iniciar as atividades do curso no Campus Patos de Minas estão em andamento. Os professores já foram contratados em regime de dedicação exclusiva. Todos possuem o título de doutor e apresentam características relacionadas a áreas correlatas, importantes para o desenvolvimento das atividades. "Os docentes apresentam diversificação na origem de formação permitindo uma integração ampla na Biotecnologia, uma vez que esta área é altamente multidisciplinar", explica Gomes.

A implantação do primeiro mestrado também objetiva fortalecer a UFU em Patos de Minas. "A criação de uma pós-graduação em Biotecnologia, devidamente alicerçada em áreas do conhecimento em crescente expansão no cenário mundial (Genética e Bioinformática), tem como principal objetivo implantar e consolidar a pesquisa científica no Campus Patos de Minas, atendendo a uma demanda regional carente de ciência e contextualizada à necessidade nacional premente de produção em pesquisa", analisa o professor.

Importância regional

O mestrado em Biotecnologia será o primeiro da região de Patos de Minas. A cidade, com população estimada de 148 mil habitantes em 2015, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), destaca-se como polo de educação da região do Alto Paranaíba e também na área de prestação de serviços. "O programa irá atender não somente o estudante de graduação, como também atuará estrategicamente no desenvolvimento da região, fundamentada na agricultura e pecuária", evidencia Gomes.

Outra questão destacada está relacionada à participação da universidade no desenvolvimento regional. "A proposta busca não somente difundir a pesquisa e o conhecimento na região, mas, sobretudo, consolidar as metas institucionais de ensino, pesquisa e extensão da instituição. A Universidade tem o papel de estar atenta aos contextos regional e nacional, entendidos em seu sentido mais amplo, considerando não apenas os aspectos do ambiente geofísico e ecológico, mas também aspectos econômico-sociais", salienta o coordenador do Programa em Biotecnologia.

Campus Patos de Minas

O campus avançado da UFU em Patos de Minas foi criado em 2010 e atualmente oferece vagas em três cursos de graduação: Biotecnologia, Engenharia de Alimentos e Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações.

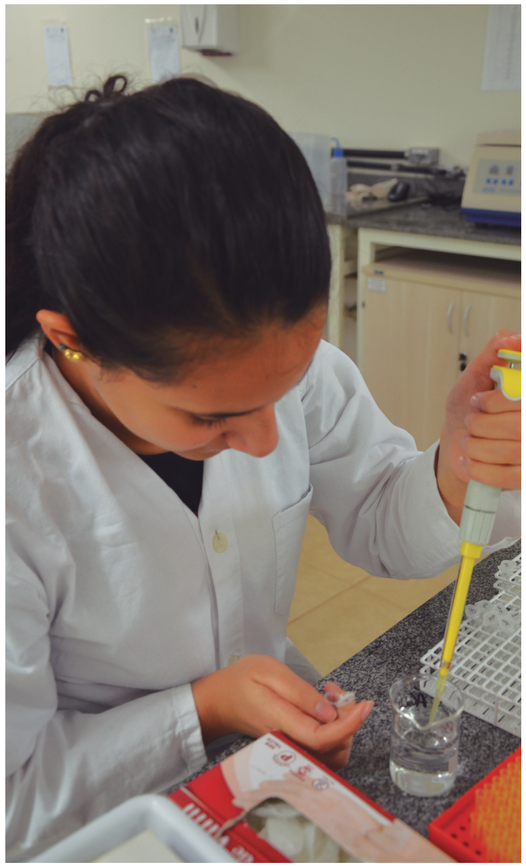


FOTO MILTON SANTOS

Pós-graduação em Biotecnologia é estratégica para a região

DIREITO

Assessoria Jurídica cria **ouvidoria para mulheres**

O projeto é voltado para o público interno da universidade vítima de assédio e discriminação por gênero

Jussara Coelho

FOTO MARCO CAVALCANTI

No Brasil, de acordo com dados da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, vinculada ao Ministério da Justiça e Cidadania, a cada sete minutos é registrada uma denúncia de violência contra a mulher. Ainda de acordo com dados disponibilizados pelo órgão, em 2015, por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), que fornece os registros de atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) por violência doméstica contra crianças, mulheres e idosos, a violência psicológica é a segunda mais frequente em denúncias (23% dos atendimentos), atrás somente da violência física (48,7%). Em terceiro lugar está a violência sexual (11,9%).

Com o intuito de assistir a vítimas de assédio e discriminação por gênero dentro do ambiente universitário, em 15 de junho deste ano, o coletivo Acolhidas Ouvidoria começou suas atividade na UFU. O projeto é especializado no atendimento à mulher e atua junto à Comissão Permanente de Sindicância e Inquérito Administrativo (Copsia), em parceria com o escritório de Assessoria Jurídica Popular (Esajup/UFU). É um instrumento para receber, examinar, relatar e encaminhar reclamações, denúncias, sugestões e representações, sugerindo a adoção de medidas destinadas a solucionar problemas e acompanhar as providências adotadas até a solução do caso.

De acordo com Cândice Lisboa, professora de Direito Constitucional na universidade e coordenadora do Acolhidas, o projeto nasce com a missão de quebrar o silêncio atinente a uma realidade perversa e ao mesmo tempo inconfessável: a discriminação por gênero e o assédio sexual. A docente explica que os casos de tentativa de estupro na instituição e a sensação de que nenhuma providência efetiva seria tomada chegou a tamanha proporção que alunas do curso de Direito mobilizaram-se para a criação de um projeto de extensão que atendesse a essa demanda específica. "Antes fizeram o barulhaço junto ao reitor para que fosse criada uma comissão para discutir a questão do gênero. Nesse contexto originou-se a Ouvidoria Acolhidas como projeto de extensão do Curso de Direito", expõe Lisboa.

Como o projeto atua?

O grupo é formado somente por mulheres: três professoras, uma advogada voluntária, uma técnica administrativa e seis extensionistas. Brenda Ferregutti, 22 anos, aluna do oitavo período do curso de Direito, é extensionista do projeto desde janeiro deste ano. Ela elucida como o Acolhidas atua: "Nós vamos representar a vítima que permanecerá no anonimato. Nós temos a estrutura que irá juntar as provas para montar uma causa, enviar à Copsia e acompanhar". A estudante relata que muitos casos não têm seguimento porque as vítimas não sabem como coletar os dados e documentos necessários para começar uma ação. "Para casos que são mais graves e fogem do procedimento administrativo da UFU, a gente fez parceria com a delegacia da mulher, com o Ministério Público Federal", salienta Fegutti. Lisboa acrescenta que inicialmente agem em nome das pessoas que sofreram violência, para que elas não se mostrem e possam ser protegidas; denunciar e relatar agressão, sem medo de serem sancionadas. "É um instrumento facilitador e protetivo para essas mulheres", enfatiza a docente.

O Acolhidas é voltado para o público interno da UFU. Marília Freitas, graduada em Direito pela universidade desde 2013, advogada voluntária, ressalta que os assédios e a discriminação por gênero não é somente na relação professores e alunos, mas também entre professores e professoras, com os técnicos e as empresas terceirizadas. Outro balizador das ações do grupo é a conscientização. "Muitas vezes as vítimas estão em uma situação em que acreditam não estarem sendo abusadas ou que está tudo normal e quando percebem, não conseguem sair sem ter algum tipo de prejuízo, seja moral ou acadêmico", exemplifica Freitas.

Problematizando o tema, Lisboa evidencia: "Não há nenhum registro na Ouvidoria ou na Copsia de assédios e a discriminação por gênero. Porém, nos bastidores, todo mundo sabe de um caso de um professor que fez isso com alguma aluna".

Como procurar ajuda?

Vítimas interessadas em fazer a denúncia e procurar ajuda podem entrar em contato com o Acolhidas por:
E-mail – acolhidas.ouvidoria@gmail.com
Facebook – facebook.com/acolhidas
Telefone – (34) 3291-6356
Para preservar a pessoa e como forma de encorajamento, o Acolhidas mantém o máximo de sigilo.

CAPA

EMPREENDEDORISMO UNIVERSITÁRIO

Estudantes da UFU apostam em novas ideias para negócios lucrativos

Giovana Oliveira

Inovação, startup e empreendedorismo são conceitos de um movimento que vem tomando conta do cenário empresarial - e agora, também, do contexto acadêmico. Ter uma ideia inovadora capaz de suprir faltas do mercado, criar uma empresa que sustente um produto lucrativo, colocar o conhecimento teórico em prática e, principalmente, provocar mudanças: tudo funciona em uma lógica que, no papel, é simples, mas que exige muito de quem se propõe a entrar no meio.

Mas o que significa dizer que uma pessoa é empreendedora? Segundo Márcia Freire, professora da Faculdade de Gestão e Negócios (Fagen/UFU), que atua na área de empreendedorismo, se você se considera um indivíduo inovador, criativo, persistente, dedicado e que enxerga seu negócio a longo prazo, você é um empreendedor. Pode ser o dono do próprio negócio, o profissional que trabalha em empresas de diversos meios ou mesmo um pesquisador ou profissional liberal.

Em 2015, quatro em cada dez brasileiros se consideravam empreendedores. Estima-se, portanto, que cerca de 52 milhões de pessoas no país estão envolvidos na criação ou manutenção de algum negócio. Esses são dados de uma pesquisa realizada com 2 mil brasileiros, com idades entre 18 e 64 anos, pelo projeto Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que no Brasil é conduzida pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Realizada no Brasil desde o ano 2000, a pesquisa é feita anualmente. A edição de 2015 foi a última a ter seu relatório final divulgado e é a que apresenta os melhores resultados em 14 anos. Os indicadores mostram que, de forma geral, os brasileiros têm uma visão positiva das pessoas que decidem abrir novos negócios e, entre esses empreendedores iniciais, 52% apresentam idades entre 18 e 34 anos.

Esse panorama se reflete nos Instituições de Ensino Superior (IES), onde a inovação é uma característica essencial e há o incentivo ao empreendedorismo. "O ensino superior deve contemplar disciplinas e iniciativas envolvendo tanto a inovação e o empreendedorismo, como também a questão da propriedade intelectual. As incubadoras de empresas também são importantes para o desenvolvimento do potencial empreendedor do aluno", ressalta Freire.

A UFU é uma das instituições que, cada vez mais, tem assumido esse papel, seja por meio da incubadora de empresas, dos eventos de inovação sediados pela instituição ou como cenário propício para o desenvolvimento de startups e empresas juniores lideradas por alunos da universidade.

Incubar e desenvolver

Uma das principais iniciativas de incentivo à inovação e ao empreendedorismo na UFU foi a criação do Centro de Incubação de Atividades Empreendedoras (Ciaem). Em meados de 2001, as primeiras ações para a fundação do centro começaram a ser discutidas. Dois anos depois, foram selecionados os primeiros dois projetos para incubação e, atualmente, o Ciaem presta serviço para sete projetos.

Ligado à Agência Intelecto e com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), o Ciaem – núcleo de inovação tecnológica da UFU – tem como objetivo abrigar empresas com produtos, processos e serviços inovadores e diferenciados, independentemente do segmento de atuação. "O Ciaem é multissetorial. Nós recebemos empresas de qualquer área do conhecimento, desde biotecnologia, agronegócio, médicas à tecnologia da informação. Estamos aqui para abrigar essa diversidade de negócios que podem surgir dentro das universidades", afirma Manuela Botrel, coordenadora de gestão do centro.

Para ter seu projeto ou empresa incubado no Ciaem, o empreendedor deve participar de um edital público e se submeter à seleção. Atualmente, o centro atende a duas modalidades. Uma delas é a pré-incubação, que abrange empreendedores com uma ideia, mas que ainda não possuem uma empresa montada. Nesse processo, que dura de seis meses a um ano, o Ciaem atua na criação de um plano de negócios. A outra modalidade é a incubação residente, direcionada para empresas já formadas que, durante um período de dois a três anos, receberão o acompanhamento do Ciaem em seu processo de inserção no mercado de trabalho para se tornarem competitivas.

Uma ideia na cabeça

Os jovens Caio Franco, Gabriel Carranza e Reynaldo Allan têm algo em comum para além de serem alunos da UFU. Os três são empreendedores e trabalham com ideias inovadoras.

Estudante do curso de Ciência da Computação, Franco é o criador da startup Skipp, uma ferramenta que auxilia na gestão de estabelecimentos. A ideia inicial é atuar no ramo de bares e restaurantes, onde será oferecida aos clientes uma espécie de comanda virtual que registra e permite o acompanhamento em tempo real dos gastos e possibilita o pagamento da conta pelo aplicativo Skipp no celular, que vem sendo desenvolvido, evitando filas. Para o estabelecimento, o sistema vai funcionar como um substituto das máquinas de cartão, além de apresentar um acompanhamento de venda, com os dados de consumo, por exemplo.

A ideia de criar a startup surgiu em uma ligação telefônica com o irmão, na qual ele reclamou da forma como o pagamento da conta em alguns estabelecimentos era realizado. A partir disso, Caio decidiu investir no que viu como "a primeira oportunidade real de negócio". Mesmo com essa visão, o estudante não se considerava um empreendedor. A ideia só mudou quando ele começou a se interessar pela área e se aprofundar nos estudos.

"Durante minha jornada como empreendedor ouvi muitas pessoas dizendo que não daria certo ou que eu deveria desistir. A partir do momento que provei ser capaz de realizar minha ideia, passei a receber o apoio da minha família e dos amigos e isso é muito gratificante", recorda Franco.

O caminho foi parecido para Carranza e Allan, criador e sócio, respectivamente, da empresa eSolvere. A startup começou há quatro anos e meio, quando Carranza, estudante de Engenharia de Controle e Automação, encontrou no curso ferramentas para esquematizar uma ideia que já vinha de muito tempo. "Desde pequeno eu sou aficionado por tecnologia. Com quatro anos de idade eu fiz um circuito circular muito simplista e, atualmente, a ideologia inteira da empresa é em cima desse conceito de circularidade, de que tudo vai e volta", conta o empreendedor.

Para Allan, graduando no curso de Ciências da Computação, a ideia de empreender existe antes mesmo de fazer parte da eSolvere. "Desde o começo, eu já gostava dessa área de empreendedorismo, já achava interessante essa questão de criar uma empresa, um produto que muda a vida das pessoas. Aqui em Uberlândia começou a fortalecer o ecossistema de empreendedorismo e nessa fase eu aproveitei para me empenhar mais nessa área, participei de várias reuniões e outros programas", relata.

Encubada no Ciaem há um ano e meio, a eSolvere trabalha com processamento digital de imagens. O primeiro produto da empresa está sendo desenvolvido e consiste em uma ferramenta indicadora de produção voltada para fábricas. O sistema é associado a uma câmera que monitora a linha de produção e, utilizando técnicas de inteligência artificial, identifica possíveis erros em itens dos produtos, como rótulo, data de validade e lacre.

Empresas júniores

Definidas como associações constituídas por estudantes de graduação, que prestam serviços e desenvolvem projetos para empresas, entidades e sociedade em geral nas suas áreas de atuação, sob supervisão de professores e profissionais especializados, as Empresas juniores (EJs) são uma forma de empreender e estão presentes em IES de todo o mundo.

Na UFU, são mais de 20 empresas espalhadas pelas mais diversas áreas, que abrangem de Engenharia a Jornalismo, passando por Agronomia e Economia, por exemplo, e envolvem dezenas de estudantes, como uma parte do mercado dentro da universidade.

Desde 2011, as EJs contam com um centro de apoio na UFU dedicado especificamente ao seu desenvolvimento, o Núcleo de Empresas Juniores (NEJ/UFU). Atualmente formado apenas por estudantes, o NEJ representa, dá suporte e procura expandir o Movimento Empresa Júnior na universidade. Segundo o diretor administrativo-financeiro do núcleo, Matheus Arantes, o NEJ mantém um relacionamento próximo às EJs filiadas ao núcleo, que hoje totalizam 11 empresas.

Arantes acredita que o desenvolvimento das EJs na UFU é um primeiro passo de empreendedorismo na universidade. "A missão do Movimento Empresa Júnior é formar jovens empreendedores capazes de transformar o Brasil. Empreendedorismo não é só aquele comum de abrir o próprio negócio, é aquele da pessoa ser inquieta no lugar que está e buscar enxergar uma mudança", ressalta Arantes.

O crescimento do cenário empreendedor na UFU tem sido impulsionado pela participação e pela demanda dos próprios estudantes. "Sempre se falava sobre os três pilares que regiam uma universidade, ensino, pesquisa e extensão, e na verdade isso é muito mais amplo. Hoje, os alunos entram [na universidade] já com o sonho de ter o seu próprio negócio, com ideias e propostas novas, e eu acho que a universidade tem um ambiente direcionado a abrigar essas propostas.", afirma Manuela Botrel, representante do Ciaem.

Para Allan, da eSolvere, essas mudanças fazem parte de uma transformação cultural dentro das universidades. "Está começando um movimento para mudar, principalmente por parte dos alunos que têm promovido eventos de empreendedorismo, têm criado várias coisas que são fantásticas e em vários cursos você consegue verificar isso".

Questão de lei

Em julho deste ano, a Comissão de Educação, Cultura e Esporte aprovou o Projeto de Lei do Senado nº 772 de 2015, que prevê a inclusão de "empreendedorismo" como tema de discussão nos currículos da educação básica. O projeto, que agora segue para votação na Câmara dos Deputados, dá ao ensino superior o papel de estimular o empreendedorismo e a inovação.

FOTO MARCO CAVALCANTI

Tecnologias e arquétipos de gênero

Por que há menos mulheres nos cursos de Computação e de Sistemas de Informação?

Diélen Borges

Dos 1.071 estudantes matriculados hoje nos cursos de graduação da Faculdade de Computação (Facom/UFU), menos de 15% são mulheres. A proporção era a mesma dez anos atrás, quando a Facom tinha apenas os 359 alunos do curso de Ciência da Computação. A primeira turma de Sistemas de Informação de Uberlândia ingressaria em 2009 e a de Monte Carmelo, em 2011.

O curioso é que, no geral, há mais alunas: aproximadamente 51,1% dos estudantes de graduação matriculados na UFU em 2016 - uma maioria de mulheres que se fez na história recente das universidades. Então, por que a tal da inclusão feminina ainda é tão pequena em certas áreas do conhecimento? Por que somente 160 mulheres, das 11.442 que estudam nos cursos de graduação da UFU hoje, escolheram a área de computação?

Quando recontamos a história das mulheres na educação e no trabalho, as personagens parecem exclusivas do passado. "No mundo ocidental, o universo do conhecimento sistematizado, das escolas e universidades, das invenções, da escrita pública e científica, enfim, foi durante séculos e séculos monopólio masculino. Ao longo das eras as mulheres ficaram restritas ao império do lar", relembra a historiadora Raquel Discini, docente da Faculdade de Educação (Faced/UFU) que pesquisa gênero, educação e imprensa. "De fato, apenas no século XIX, no mundo ocidental, elas começaram a ocupar a vida pública (escolas, profissões liberais, universidades, impressos etc.)", completa.

Mas o que acontece com as áreas de tecnologia que, em 2016, ainda atraem poucas mulheres? A resposta pode estar na construção cultural de um suposto perfil profissional feminino: a mulher que cuida. "Mesmo do século XIX para cá, algumas profissões foram tidas como 'naturalmente' destinadas a elas, visto que não desnaturalizavam uma suposta essência feminina por estarem ligadas às características intrínsecas ao gênero: docência para crianças, enfermagem, secretariado, telefonista etc. Observe: carinho, caridade, atenção", explica Discini.

Recuando para o universo infantil, a construção simbólica das profissões fica demarcada nas prateleiras de brinquedos: nos corredores cor-de-rosa, os bebês de plástico a espera de pequenas mães, os fogõezinhos e outros simulacros do ato de cuidar; nas vitrines azuis, as ferramentas, os carros e os jogos de raciocínio.

A historiadora Discini acredita que as distinções simbólicas ocorrem inclusive nas escolas. "Há uma separação entre saberes femininos e masculinos. Ainda hoje, mesmo que não mais oficialmente como antes, separações simbólicas ocorrem no que é estimulado em uns e outros, matemática: meninos; redação: meninas. Inúmeros estudos comprovam isso. Daí que tal situação acaba influenciando na relação delas com as ciências duras e as tecnologias em geral", explica.

Uma pesquisa divulgada em 2014 pela *National Public Radio* (NPR), uma rede de rádio pública dos Estados Unidos, revelou que algo aconteceu com as mulheres na computação em 1984 - o ano de lançamento do primeiro Macintosh, computador pessoal fabricado pela Apple. Até então, o número de mulheres que estudavam Ciência da Computação crescia mais que o de homens. Depois que os computadores pessoais chegaram aos lares americanos, houve queda drástica no percentual de mulheres cientistas da computação. A publicidade em torno dos novos "brinquedos" os tratavam como coisa de menino, definindo conceitos como sujeitos *geeks* e cultura *tech*. A NPR cita os clichês cinematográficos da época: "menino *geek* gênio usa seus conhecimentos em tecnologia para triunfar sobre as adversidades e conquistar a garota".

O resultado dessa construção simbólica na cultura pop, segundo a pesquisadora Jane Margolis, da Universidade da California (Ucla), é que na década de 1990, as famílias eram muita mais propensas a comprar computadores para os meninos do que para as meninas. No livro *Unlocking the Clubhouse: Women in Computing* (em tradução literal, "Entrando no clubinho: mulheres na computação"), Margolis revela que metade das família americanas coloca o computador no quarto do filho.

Quando elas entram no clubinho

Ouvir aquelas cuja existência acadêmica e profissional é uma exceção remete a um ponto em comum: algo entre um "por que não?" e um "natural que seja assim", por mais que os outros pensem de outra forma. Isadora, Ariane, Julia, Aline… as gerações são diferentes, mas a computação é um ponto em comum. A predominância masculina ao redor também. Ah, e a despretensão com que contam por que escolheram essa área: foi natural.

Isadora Rocha, 19 anos, conversava com o pai sobre profissões desde os 12. Ele recomendou as Engenharias, pois estavam em alta e davam dinheiro! Ela gostava de robótica, tinha um amigo que fazia Sistemas de Informação e ele elogiava o curso. Hoje, ela está no quinto período de Sistemas. "Eu sempre fui mais da área de exatas, eu me saía muito bem em matemática, física e química", relembra. O pai apoiou, mas ainda tem gente que a enxerga num lugar incomum: "quem olha para mim acha estranho quando eu falo que eu faço Sistemas, falam que eu tenho mais cara de psicóloga, dentista…", conta.

Na casa de Ana Lívia Nogueira, 20 anos, também no quinto período de Sistemas de Informação, havia uma expectativa de que ela pudesse seguir a carreira da mãe, que fez Pedagogia. Também lhe cogitaram a Fisioterapia. "Quando eu falei que queria fazer alguma coisa na área de computação, ela me disse: você tem certeza que você vai gostar disso? É o que você quer? Meus pais ficaram perguntando muito, porque eles acharam que era uma coisa muito momentânea, mas eu sempre me dei melhor nessa área", afirma.

Três anos atrás, quando Ariane Borges, 21 anos, disse na fazenda que faria o curso de Ciência da Computação, ficou tudo certo. "Desde o princípio eu falei pros meus pais que eu não queria seguir carreira de Agronomia, alguma coisa assim. Eu quero sair da fazenda e vou pra cidade grande! Então, desde o princípio, eles me deram total apoio", relata. Ela é da cidade do Prata (MG) e, de fato, precisou se mudar "pra cidade grande", Uberlândia. Agora está no sexto período de Computação.

Passado o vestibular, todas elas se viram em turmas nas quais seriam minoria em todos os períodos. Egressa da UFU, Julia Borges, 22 anos, hoje faz mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e conta uma história inusitada sobre sua turma de graduação. Ela ingressou numa turma de Sistemas de Informação com 60 alunos: 50 meninos e 10 meninas. O curioso é que pouco mais de 3% da turma viria a se formar no tempo previsto de quatro anos: duas meninas. Uma delas é Julia.

Ana Lívia recorda que, no começo do curso, era difícil entrar nos grupos de trabalho de meninos. Ela sentia como se, para eles, a opção delas pela área fosse algo passageiro, de modo que um grupo de trabalho com meninas poderia deixar de existir nos semestres seguintes.

Os professores também são quase todos homens. "Quando a gente comenta alguma coisa [na aula], quando eles veem que a gente está interessada, eles começam a olhar diferente, a dar mais importância", diz Ariane. Mas ela acredita que as professoras incentivam mais as alunas. Ela mesma foi encorajada a entrar para o Programa de Educação Tutorial (PET) por uma docente.

Em tempos em que a universidade precisa discutir o assédio e a violência sexual, as estudantes entrevistadas disseram que nunca tiveram problema em relação a isso dentro dos cursos. Mas uma ou outra recorda alguma situação que faz pensar: se fosse um homem, isso teria acontecido? "Teve um aluno que fez uma falta de educação comigo. Ele me fez uma pergunta e eu não entendi bem direito. Eu falei que não sabia. Aí ele falou assim: 'então, se você não sabe, saia do curso'", relata Ariane.

Julia precisou receber tratamento diferenciado no que ela chama de "sentido bom". "Quando eu participava do PET, íamos a congressos e não me deixavam desamparada no sentido de me alojarem em lugar diferente porque eu era a única petiana", relembra.

Quem também vive num ambiente predominantemente masculino na UFU é Aline Ramos, que aos 51 anos é coordenadora da Divisão de Sistemas do Centro de Tecnologia da Informação (CTI/UFU). Ela começou a trabalhar na universidade em 1993, como analista de tecnologia da informação, e ocupa cargos de gestão de 2006. Quando decidiu estudar Engenharia, ainda nos anos 1980, a família tratou com naturalidade. "Eu diria que o problema maior era meu mesmo. Eu que às vezes me sentia incomodada. Naquela época eu tinha 18 anos, e entrar numa sala de 50 alunos e eu ser a única mulher da turma! Mas isso, com o decorrer do tempo, eu fui acostumando", recorda.

Se as mulheres são minoria na área, em cargos de gestão são raríssimas. Por exemplo, o Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), empresa pública vinculada ao Ministério da Fazenda criada em 1964, teve a primeira diretora-superintendente da história, Glória Guimarães, empossada no ano passado. A UFU jamais teve uma diretora no CTI, o que faz da coordenação exercida por Aline Ramos, à frente de uma equipe formada quase só por homens, o mais alto posto na área já ocupado por uma mulher na história da universidade.

"No começo, eu não queria assumir a coordenação. Eu tinha receio. Mas, por outro lado, por várias vezes eu acabava ajudando o diretor. Tinha sempre um coordenador da área, mas às vezes, com muitos afazeres, ele precisava de ajuda. E numa dessas um dos diretores resolveu me colocar como coordenadora da divisão. Se é para colaborar, vamos vendo como eu vou me saindo. E aí eu fui ficando", narra a coordenadora, que resiste no cargo após algumas trocas de diretores. "Eu não senti aqui, por parte dos colegas, nenhum entrave que me diferenciasse de um homem nesse lugar. Eu sei que não acontece com outras mulheres em outras áreas, mas para mim, foi natural", completa.

Incentivo na rede

Blogs, redes sociais e outras páginas na internet procuram abordar a presença de mulheres em áreas relacionadas à tecnologia como forma de apoiar outras mulheres e combater a discriminação. Existem ainda projetos que buscam incentivar as adolescentes a ingressassem em carreiras relacionadas às tecnologias.

Mulheres na Computação (mulheresnacomputacao.com) é o blog de Camila Achutti, sócia-fundadora da empresa Ponte21, uma consultoria de inovação e tecnologia, e uma das líderes do movimento por igualdade de gêneros no mercado de Tecnologia da Informação (TI). Na página, divulga textos opinativos, oportunidades de trabalho e qualificação, além de exemplos de mulheres pioneiras na área, como Ada Lovelace, matemática inglesa que viveu de 1815 a 1852, considerada a primeira programadora da história. Lovelace criou o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina, a máquina analítica de Charles Babbage.

A Sociedade Brasileira da Computação (SBC), desde 2011, tem o programa *Meninas Digitais* (meninasdigitais.sbc.org.br), com o objetivo de despertar o interesse de estudantes do ensino médio e tecnológico ou dos anos finais do ensino fundamental para a Computação e motivá-las a seguir carreira nessa área. O programa organiza eventos, como o Girl Geek Dinners Brazil, e disponibiliza conteúdos na internet.

Outra iniciativa é a organização *Mulheres na Tecnologia* (mulheresnatecnologia.org), sem fins lucrativos, que visa a aumentar a participação feminina na área de tecnologia da informação. O coletivo promove eventos, como o Encontro Nacional de Mulheres na Tecnologia, que chegou à quarta edição neste ano, e divulga informações sobre carreira e pesquisas. O tema deste ano foi "Elas e os Bits".

MEMÓRIAS

Uma vivência além-mar

Ao contrair meningite durante programa de intercâmbio em Portugal, estudante de Teatro transforma o corpo em objeto de estudo

Renata Neiva

FOTO **MARCO CAVALCANTI**

"Em 29 de outubro de 2014, sentia muitas dores de cabeça. Minha cabeça doía muito. Era uma dor insuportável. Pela manhã, eu tinha ido assistir aula na Universidade de Évora, na disciplina de *Atuação Frente à Câmera*. [...] Fui ao hospital de Évora e diagnosticaram que eu estava com uma crise de enxaqueca, porém os medicamentos receitados não faziam efeito. Como era final de semana e não me sentia nada bem, decidi ir para a casa da minha tia em Lisboa. [...] De sábado para domingo, não suportando mais as dores, faço um coquetel. [...] Eu me dopei e consegui dormir. O dia amanhece e eu me lembro de abrir os olhos, levantar e sentir o corpo anestesiado. Eu me sentia bem.

Fui até a janela, levantei a cortina, abri a janela e pude ver o rio Tejo ao longe. Respirei bem fundo e parecia que não estava sentido nada, nem dor e nem meu corpo. Era um alívio. Mas era estranho. Quando eu olhava o Tejo, lá longe, percebi que na frente dos meus olhos havia vários pontinhos pretos. Pensei que talvez fosse a claridade. Tudo era muito claro, tudo muito branco. Foi então que me deu vontade de voltar para Évora, que era a cidade em que eu vivia e estudava. [...] Começo então a travessia para aquilo que os portugueses chamam de além-tejo. E que nessa hora poderia dizer para mim e não mais para além de mim. Lembro-me de contemplar a vista, atravessando a ponte *Vinte e Cinco de Abril*, uma das últimas imagens que tenho viva em minha memória".

Assim começa o recorte biográfico que Paulo Ricardo Capparelli transformou em trabalho de conclusão de curso - *Caminhares: uma percepção corpórea em uma vivência além-mar* -, defendido no primeiro semestre deste ano, no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Ao participar do programa de Mobilidade Estudantil, na Universidade de Évora, em Portugal, em 2014, Paulo Ricardo não poderia imaginar o que viria pela frente. A partir do terceiro mês fora de casa, o estudante começou a sentir sintomas de meningite. Mas demorou muito até que o diagnóstico fosse feito. Após algumas idas ao hospital, ele finalmente ficou internado durante 51 dias.

"Com alguns estados de sentidos afetados, como a visão, a audição e a locomoção, pude mergulhar para dentro de mim e perceber na imensidão deste mar que sou eu, quem sou eu", conta. Dessa forma, o corpo como objeto de estudo recebeu uma tratativa permeada pelas sensações e experiências vividas pelo autor. Durante o tempo em que passou hospitalizado, Paulo Ricardo procurou manter a calma, amparado por duas palavras que um dos médicos escreveu em sua mão: força e paciência. As chances de sobrevivência eram pequenas, como soube tempos depois.

Com a ajuda da mãe que viajou a Portugal, de amigos, professores, equipe de saúde, voluntários e missionários, Paulo Ricardo iniciou uma jornada rumo à recuperação dos sentidos e dos movimentos. No hospital, teve aulas com professores da Universidade e registrou em vídeo o trabalho corporal realizado em uma sequência de exercícios físicos e mentais. Mais tarde, para surpresa dos médicos, recobrou a audição e a locomoção. No entanto, boa parte da visão ficou comprometida.

Para a academia, Paulo Ricardo Capparelli demonstra como o teatro e a arte, de maneira geral, foram fundamentais em seu processo de reabilitação. O trabalho foi inspirado, principalmente, no conceito de propriocepção de Oliver Sacks e na obra *Arte como Experiência*, de John Dewey. Além do texto, foi produzido ainda um videodocumentário. Para a vida, ele deixa registrada uma lição: "Não sou o mesmo que fui para Portugal, não sou o mesmo que voltei. Hoje tenho uma vida com mais consciência, mas sempre tive confiança plena em mim e na vida". E qual a palavra que resume a experiência de vida hoje? "Gratidão", responde o artista, que traça planos para iniciar o curso de Mestrado. Mas, antes mesmo que a nova travessia se inicie, ele já pode se considerar um especialista em recomeço.